

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação _____
Local _____ Data _____ Série _____ N.º _____

Manuel de Boaventura

O último retratista do Minho pitoresco

Ercílio de Azevedo

Numa das minhas frequentes e amenas cavaqueiras, em Esposende, na esquina da «Prímorosa», com o brilhante esbanjador de cultura e experiência que é o Dr. Sobral Torres, falamos, a propósito do poeta de Belinho, de um grande escri-

Codeço, «Encontro com o escritor», entrevista feita na sua querida casa de Susão, em 1972.

Não posso dizer que bem conhecia a vária e dispersa obra de Manuel de Boaventura. «Contos do Minho» e «Zé do Telhado no Minho» tinham sido tão-só alvo da minha insaciável fome de

fez e a brochurinha do Alberto Codeço abriram-me o apetite para mais leitura e para um conhecimento melhor e maior do eremita de Susão, ali na bela Palmeira de Faro. E o desejo, também, de que a prosa vivamente colorida e profundamente sentida do enamorado do Minho e da Galiza – seu natural prolongamento – fosse divulgada com a amplitude que o seu extraordinário génio requer.

Manuel de Boaventura foi, igualmente, um camarada de letras e de andanças jornalísticas do meu sogro, em cujo escritório deparei vezes sem conta com fotos de grupo, desenhos e retratos do escritor de Esposende. A sua enorme admiração pelo camarada levava-o até, na sua grande humildade, a relevar mais a presença espiritual do amigo do que a envaidecer-se com as distinções ou apreços com que poderia adornar o seu gabinete de trabalho.

Tenho para mim que, do Douro ao Minho, houve quatro grandes jornalistas e escritores que tão estreitamente acamaradaram que difícil se tornará falar de um sem abordar a personalidade dos restantes: Rebelo Mesquita, Jerónimo de Castro, Amândio César e Manuel de Boaventura.

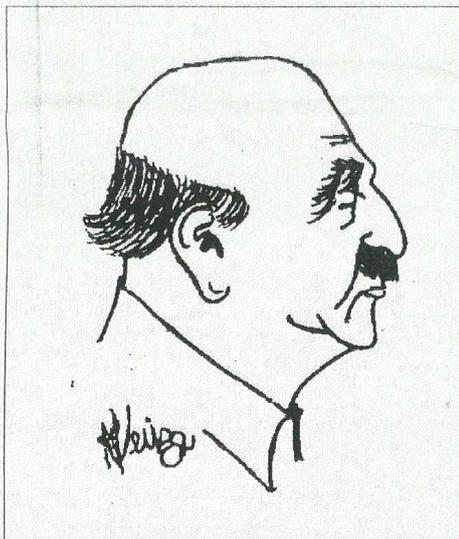
Mas é este último que me leva hoje a exaltar a sua figura, a realçar o seu contributo extraordinário para a fixação literária dos usos, tradições e costumes minho-

tos, a encomiar o seu sentido pictórico e saboroso da escrita com que tão bem retratou o falar e a sensibilidade do povo das ribas do seu Cávado, como também de todo o Minho.

Manuel de Boaventura aguarda, quase vinte anos após a sua trágica morte, que alguém de boa-vontade, amante como ele foi das coisas e das gentes de Esposende, organize a sua obra completa com os inéditos ainda disponíveis, para rio em 1903. Regressado ao Minho, começou a fazer recolha de muitas lendas e tradições da sua aldeia. Uma delas deu o assunto para o seu romance tradicional «O Solar dos Vermelhos», que foi publicado em folhetim semanal no «Esposendense», sob o título «Velharias duma aldeia» (1905-1906) e adaptado ao teatro, em 1977, com o título «O Mártir do amor», por Martinhão Brás Pires e Arlindo dos Santos Fernandes, ambos seus conterrâneos, tendo sido levado à cena pelo Grupo Cultural e Recreativo de Vila Chã.

Porque o folhetim despertou interesse, o director do jornal, Silva Vieira, editou-o em volume (1909), tornando-se assim no seu primeiro livro a ser publicado.

Apesar de serem «332 páginas de prosa incipiente e mal cerzida (que mais esperar de um rapaz de 18 anos a quem faltava envergadura literária e experiência da vida)», segundo nota do escritor, o livro esgotou-se em menos de



O contista num desenho de M. A. Penteador Neiva, esposendense claro, do Manuel de Boaventura.

Homem que tudo sabe e tudo e todo conhece, o antigo vice-presidente da Câmara do Porto ofereceu-me com uma merecida dedicatória aos meus obscuros talentos, um folheto do arcuense Alberto

leitura, mas através deles fiquei com uma imagem da pujante e vigorosa personalidade do autor regionalista, o maior narrador, talvez, deste século, das terras e das gentes do Entre-Douro-e-Minho.

Os incondicionais elogios, primeiro, do Dr. Sobral Tor-



Manuel de Boaventura

maior honra da sua terra e agradecimento do seu infatigável carrear de materiais para o léxico e para a definição da idiossincrasia do minhoto. Um acto de justiça e de desafronta para quem anda há tanto esquecido, esse alguém que, no dizer de Alberto Codeço, *«começou por ser um amante da sua terra, a paixão sublimou e transcendeu-o, depois, a toda a província natal, esse Minho colorido e paisagístico, alicerce da Pátria»*.

Notas bibliográficas

Manuel de Boaventura nasceu em Vila Chã, Espo-sende, a 15 de Agosto de 1885, filho de Albino Augusto Dias de Boaventura, proprietário e professor primário e de D. Balbina Gonçalves do Vale.

Faleceu a 25 de Abril de 1973, num acidente de viação, no cruzamento da estrada nacional com a de Barcelos, junto à Senhora da Saúde.

Aos cinco anos (1890), após a morte de sua mãe, acompanhou seu tio, Manuel Inácio, para Peniche, onde este fôra colocado como professor complementar.

Fez o seu exame de instrução primária em Leiria, em 1898. Frequentou depois os primeiros anos do Liceu de Guimarães e voltou para Leiria, onde se diplomou como professor primá-

um ano.

Em 1908-1909 escreveu novo romance de costumes contemporâneos: «Crimes de um usurário», editado em 1910.

Após a implantação da República, em 1912, acusado de conspirador político, esteve preso no Convento de S. Barnabé, em Braga, onde escreveu um violento panfleto de 16 páginas - «As vítimas dos pseudo-revolucionários de Espo-sende» - datado de 7 de Outubro e de que fez uma edição de 2.500 exemplares, espalhados por todo o País.

Durante os 90 dias de prisão, em S. Barnabé, escreveu «Memórias de um conspirador», sob o título «No Presídio», diário de prisão, com comentários à vida política e relatos humorísticos do dia-a-dia dos presidiários.

A edição de 1500 exemplares esgotou-se em menos de um ano.

Já nesta época o interessava a recolha vocabular de muitos milhares de termos que andam na boca do povo e que os dicionários não registam.

Em 1916, saiu a lume o primeiro volume do «Vocabulário Minhoto», com 1340 étimos; em 1922, o segundo volume com 1364 vocábulos novos.

Em 1921, publicou uma novela ascética - «O Timóteo penitent e» - ilustrada pelo lápis de Octávio Sérgio.

As belezas, usos e costumes da sua região motivaram em 1927 os «Contos do Minho» e, vinte anos depois,



Digno filho de Esposende

Esposende e as praias de
Suavomas

(cont.)
— Boaventura

Desde Foz de Neiva, no limite
de Brana, até ao campo de Apúlia
onde teve attento a detenta praia
de Menéndiz, ou Vila Menendo, a treze
com o distrito do Porto - São Vito
largo quilómetro de lindas e con-
vidativas praias, de veludosas
areias e de mar tangens - mar
de águas suaves, um mar salga-
do de incomparável doçura, que
afetece e saborea-lo com espiritual
gula...

A Norte, a Foz de Neiva, é já
embrião de próximo futuro avilamento

publicou mais contos minho-
tos no livro «Ánsia de Perfei-
ção» e «Contos imperfeitos».

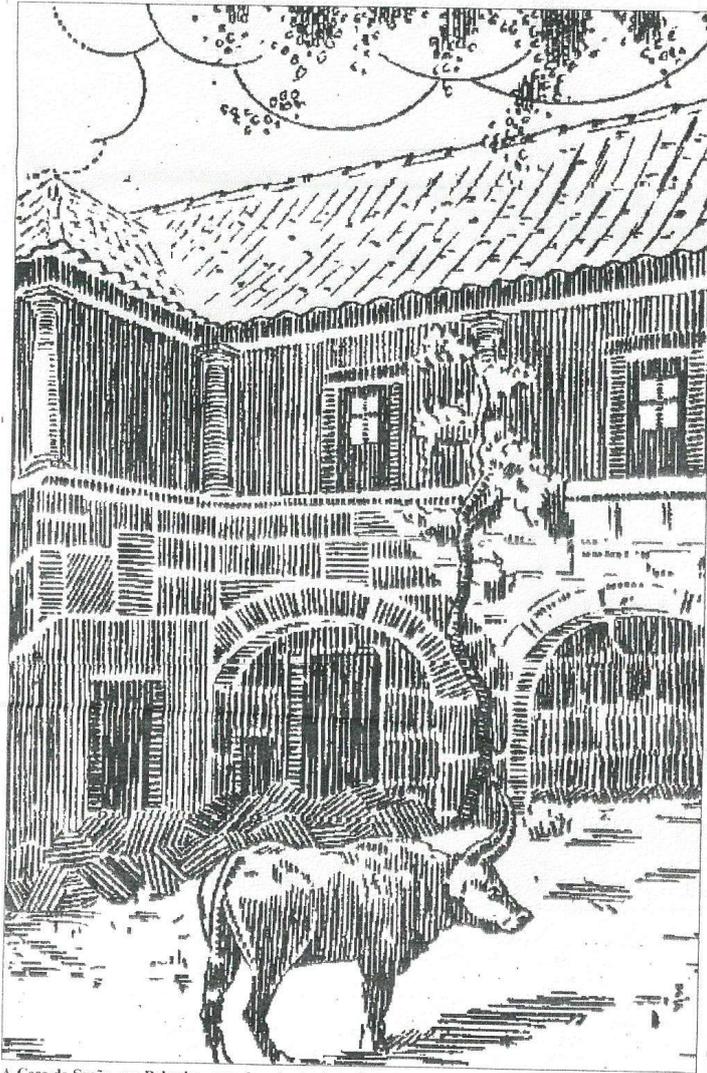
Em 1950, apresentou ao
congresso do XIV Centenário
da chegada de S. Martinho de
Dume à Península Ibérica,
uma comunicação sobre to-
ponímia martiniana: «Donde
derivam as palavras Dume e
Panóias» (duas hipóteses); e

da revista cultural «Bracara
Augusta», uma separata «O
Santo e a Dume (S. Martinho
de Dume na lenda e na
tradição)».

Em 1950, foi homenagea-
do em Barcelos pelos seus 50
anos de vida literária.

A partir de então, verifi-
cou-se uma grande actividade
literária com a publicação de
vários livros: «O Senhor Rei e
a Velha» (episódio da vida de
D. Carlos), 1952; «Novos

Contos do Minho», 1953;
«Noite de Consoada» (2
edições), a primeira em sepa-
rata do boletim do Grémio
do Comércio de Barcelos,
1954, e a segunda pelo
«Cávado», 1959; «O Trajo
da Região» (. separata),
1959; «O Medos da Figuei-
ró», 1959; «Leite de Vascon-
celos - animador dos novos»,
1958; «Marrucho Mentidei-
ro», 1959; «Zé do Telhado»
(fastos de uma quadrilha de



A Casa de Susão, em Palmeira, num desenho de A. A. Santos



Um grupo de jornalistas amigos de Manuel Boaventura

ladrões), 1960; «Amores Medievais», 1960; «Na Praia», separata do Grémio do Comércio de Barcelos, 1960; «Contos que o Povo Conta» e «Modalidades do vocabulário surpreendidas no linguajar dos narradores de contos populares», separatas das actas do Congresso Internacional de Etnografia, 1961; «Três Trovadores Medievais», 1963; «De onde brotou Vila-Chã?», 1963; «Uma Necrópole em Fão», comunicação apresentada ao IV Colóquio Português de Arqueologia, 1965; «Primeira Consoada», 1964; «Lapinhas do Natal» (duas edições), 1964 e 1965; «Quatro Contarelos», 1965; «Ara Votiva Adafa», 1966; Deus lhe Pague», 1966; «O Etnógrafo Gomes Pereira», 1967; «O Santo Graal e o Talismã da Virgem» (conto de Natal), 1970; «Histórias Contadas à Lareira», 1968; «Justiça do Soajo» (edição da Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez), 1973.

Tinha em preparação: «Mais Contos do Minho», «Vocabulário Minhoto» - III volume; «Terra Alta» (novela histórica) e «Eça de Queiroz» (estudo para a identificação dos persona-

gens e localização dos cenários de "O Crime do Padre Amaro"), quando a morte o surpreendeu abruptamente.

O trabalho «Terra Alta», de fundo histórico, *«é um delito da mocidade e foi escrito de afogadilho, em três noites de Agosto de 1917, para ser enviada ao concurso aberto pelo Instituto Histórico do Minho, cujo patrono era Gonçalo Velho, o descobridor da terra alta e dos Açores»* - como o próprio escritor analisou -, foi premiado pelo referido Instituto e, segundo o programa, o manuscrito deveria ser publicado.

Depois de várias vicissitudes com a não publicação e com fundos do próprio Instituto, o manuscrito de «todo esquecido», havia desaparecido. Veio o escritor a descobrir, mais tarde, que fora desviado por um seu «secretário» e encontrado, vinte anos após a sua morte, por suas irmãs.

O trabalho encontra-se ainda por publicar.

Manuel de Boaventura colaborou em diversos jornais e revistas, entre outros: «Jornal de Notícias», «O Século», «Correio do Minho», «Diário do Minho», «Cávado», «Espesendense»,

«Barcelense», «Comércio da Póvoa de Varzim», «Ilustração Católica», «Notícias de Viana», «Mensageiro», «Diário do Norte», «Voz de Chaves», «Jornal de Barcelos», «Civilização», «Diário de Notícias», «Panorama», «Notícias dos Arcos», etc.

Foi redactor principal de «A Verdade», semanário político, fundado em 16 de Novembro de 1919, em Espesende, e nele manteve a secção «Esposendelérias» de críticas aos usos e costumes locais. A sua publicação terminou em 1922.

Deixou inédito um romance intitulado «O Desterado», escrito em 1941, na Guarda, para onde foi transferido como director escolar, em 1939, funções que desempenhava, então, no distrito de Braga.

Nos contos de Manuel de Boaventura perpassa uma multidão de figuras populares características de Vila Chã e da área concelhia de Espesende.

De realçar a sua colaboração assídua e absorvente na imprensa diária e regional do seu tempo, enriquecida assim com a prosa, desartificiosa mas castiça, do escritor.